



Tentam nos vestir de noiva: sete queertografias paulistanas

Emerson Silva Meneses 

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades - Universidade de São Paulo. São Paulo - SP - Brasil.

Email: emerson.meneses@usp.br

Resumo

Neste trabalho evidenciamos o processo de apagamento da memória de lugares outrora associados a minorias sexuais na cidade de São Paulo. São antigos locais de homossociabilidade, de experimentação de sexualidades e gêneros, de possibilidades não normativas de construção das subjetividades. Foram locais de enfrentamento e resistência à cisheteronormatividade dominante, verdadeiras “manchas” da e na cidade de São Paulo. Hoje, são espaços que sofrem o apagamento dessa memória, obra da sujeição aos ditames do mercado imobiliário que os quer rentáveis, e à heteronorma, que os quer imaculados e inodoros. A técnica usada para produzir o ensaio é o que chamamos de “queertografia”: a sobreposição de fotos atuais e antigas, por meio da qual memórias *queer* ou LGBTQIA+ ressurgem como aura fantasmagórica que resiste e recusa o apagamento.

Palavras-chave: memória, apagamento; espaços; minorias; imagem.



They try to dress us up as brides: seven queertographies of São Paulo

Abstract

In this paper, we evidence the memory erasure process of places once associated with sexual minorities in the city of São Paulo. They are ancient sites of homosociability, of experimentation of sexualities and genders, of non-normative possibilities for the construction of subjectivities. They were places of confrontation and resistance to the dominant cisheteronormativity, true “stains” of and in the city of São Paulo. Today, they are spaces that suffer the erasure of this memory, the result of subjection to the real estate market that wants them profitable, and to the heteronorm, which wants them immaculate and odorless. The technique used to produce the essay is what we call “queertography”: the overlay of current and old photos, through which queer or LGBTQIA+ memories resurface as a ghostly aura that resists and refuses the erasure.

Keywords: memory; erasure; sites; minorities, image.

Introdução

A intolerância, a discriminação e a violência física ou simbólica contra as dissidências sexuais e de gênero estão presentes de diferentes maneiras na sociedade cisheteropatriarcal. Com diferentes graus de explicitude e atingindo com intensidades variadas diferentes estratos ou grupos dentro do universo das dissidências, o discurso homofóbico, lesbofóbico e transfóbico circula em diferentes âmbitos. Do ambiente político-partidário ao religioso, passando pela escola, pela mídia e por inúmeros espaços de convivência social, constantemente desafiam-se os limites entre liberdade de expressão e discurso de ódio e alimentam-se a discriminação e o repúdio à diversidade. No Brasil, não é preciso ir muito longe para sentir os efeitos disso: basta examinar as estatísticas relacionadas a crimes lgbtqfóbicos.

Mas, para além desses efeitos já tão conhecidos, o desejo da sociedade hegemônica de não ver, de não ter contato com as dissidências acaba se refletindo também na conformação do espaço urbano, compondo um discurso talvez menos evidente à primeira vista, mas igualmente discriminatório e silenciador. Refiro-me a uma forma de apagamento de nossa existência que se dá por meio do asfixiamento e supressão de espaços da cidade que, se sobrevivessem, poderiam visibilizar nossa identidade e carregar parte de nossa memória. Meu objetivo aqui é exemplificar alguns desses espaços, para o caso específico da cidade de São Paulo, por meio de um ensaio visual “queertográfico”.

*Sissy that walk*¹: os passos para queertografar São Paulo sob uma lente teórica

O ensaio visual apresentado a seguir, realizado em diferentes pontos da região central da cidade de São Paulo, procura evidenciar o processo de apagamento e “higienização” da memória de lugares paulistanos outrora associados a minorias sexuais.

O termo “queertografia”, que escolho para referir-me às imagens que compõem o ensaio, deve ser entendido como uma licença poética. *Queer* é um termo *guarda-chuva*, que abriga uma gama de condutas, subjetividades e identidades não aderentes ao padrão hegemônico. Com forte conotação

¹ *Sissy that walk* é uma canção lançada em 2014 pela *drag queen* americana RuPaul. *Sissy* é uma gíria em inglês que se refere aos homens gays efeminados. *Sissy that walk*, que pode ser livremente traduzido como “enviadeça esse andar”, seria um comando para que se ande de forma mais feminina.

política, o conceito resulta da apropriação de um vocábulo originalmente empregado com sentido pejorativo: *queer* em inglês significa “estranho”, que é como a cisheteronorma qualifica aqueles que não se enquadram em suas expectativas. Para o teórico Jack Halberstam, o sentido de *queer* está associado a diferentes lógicas, dispostas no espaço e no tempo, de organização de identidades, comunidades sexuais, personificações e atividades não normatizadas, portanto dissidentes. O mesmo autor chama de “espaço *queer*” as diferentes “práticas de criação de lugares [...] nas quais as pessoas *queer* se envolvem” (Halberstam, 2005, p. 6, tradução minha), as quais resultam em uma nova compreensão do espaço público a partir da criação de espaços “contrapúblicos” dissidentes.

É nesse sentido que procuro fazer queertografias desses espaços contrapúblicos perdidos: locais de homosociabilidade/ou de experimentação de dissidências de sexualidade e gênero, lugares de possibilidades não normativas de construção das subjetividades. Enfim, locais de enfrentamento e resistência à cisheteronormatividade dominante, verdadeiras “manchas” (Magnani, 1996) que alguma vez se impuseram na cidade de São Paulo. Hoje, modificados, são espaços que sofreram o apagamento dessa memória, como obra da sujeição à heteronorma e ao discurso moralizador, por vezes (mas não exclusivamente) com ajuda do mercado imobiliário que os quer imaculados e “inodoros” (Hocquenghem, 1980) como forma de torná-los rentáveis.

O ensaio apresentado a seguir é produzido por meio da sobreposição de fotos atuais e antigas de alguns desses lugares. Nas imagens assim construídas, a memória de experiências dissidentes ressurge como aura fantasmagórica, que resiste e recusa esse apagamento. O procedimento é livremente inspirado no trabalho fotográfico de Marcelo Zocchio, intitulado *Repaisagem (2012), no qual imagens antigas e atuais da cidade se misturam criando montagens fotográficas denominadas “repaisagens”*. Guilherme Wisnik, no prefácio ao livro em que Zocchio publicou seu trabalho, nos lembra que a cidade de “São Paulo não cultiva a memória nem a autoestima” (Wisnik, 2012, s/p), de forma que o artista, por meio das imagens criadas, consegue tocar nesse ponto de esquecimento corriqueiro da metrópole. Se pensarmos nas cisheteronormas que desejam o apagamento das dissidências sexuais e de gênero, podemos traçar um paralelo: espaços de sociabilidade das minorias na cidade tendem a ser guiados ao esquecimento, cerceando por consequência a memória e a autoestima LGBTQIA+. As montagens do presente ensaio “queertográfico” acusam esses esquecimentos.

Para realizar o ensaio, visito, a pé, locais que foram emblemáticos para a vida dissidente da cidade de São Paulo e fotografo cada um deles em seu estado atual, bastante inspirado pelo conceito de cartografia afetiva (Rolnik, 1989). Em cada um deles, imagino, revejo, revivo a vida e a coragem de

um tanto de gente que em cada um deles passou, mas teve suas marcas apagadas. Findo meu trajeto, fusiono as imagens produzidas com outras de outras épocas. Crio assim, por meio da fotomontagem e da arte visual, “uma possibilidade ‘alternativa’ no modo de dar conta, de reconstruir ou comunicar” (Oliveira e Charreau, 2016, p. 372). Trata-se de reconstruir e comunicar um passado da vida LGBTQIA+ paulistana que tem sido diligentemente apagado, negado, apesar de muito recente.

Ao propor recriar visualmente, por meio da fotomontagem, espaços da cidade já “inexistentes”, também acabo por tratar a fotografia como algo vivo e capaz de ir além da mera ilustração. Ricardo Marín-Viadel e Joaquín Roldán (2012), pesquisadores em Arte e professores da Universidade de Granada, defendem a ideia de que as imagens fotográficas, em especial as fotografias digitais, constroem argumentos, sustentam visualmente o desenvolvimento conceitual de uma investigação e defendem posições éticas, desta forma gerando novas maneiras de análise de um problema.

Eles não são os únicos. Diferentes autores e autoras que conduzem pesquisa qualitativa a partir de imagens propõem os mais diversos usos. Sandra J. Weber, professora do Departamento de Educação da Concordia University, no Canadá, defende que “as imagens podem apresentar simultaneamente vários pontos de vista ou gerar múltiplas interpretações, e podem *chamar a atenção para o cotidiano tornando-o estranho ou lançando-o sob uma nova luz*” (Weber, 2008, p. 50, tradução e grifo meus).

É em sintonia com essa visão que as imagens que crio constroem argumentos, sustentando visualmente o desenvolvimento conceitual da investigação. Por meio de imagens de espaços da cidade, crio um meio de representação das vivências dissidentes, proporcionando informação estética e organizando outras formas de conhecimento.

Ao mesmo tempo, frustrado, vejo-me obrigado a afastar qualquer desejo de um olhar mais antropológico para esse conhecimento, já que são lugares que não estão mais acessíveis senão para olhar de fora, e não existem senão na nostalgia que as imagens que produzo conseguem despertar. Chego a pensar que deveria tê-las chamado de *retrografias*, pois é o que são: imagens de lugares que já não se podem ver. Acabo preferindo manter a designação que pensei inicialmente, queertografia, para ressaltar o caráter contranormativo desses lugares, que desapareceram porque a norma quis vê-los desaparecer.

No processo de criação, evoco a historiadora Sandra Pesavento, a nos lembrar que a cidade, enquanto materialidade, é palimpsesto de formas, que remetem à imagem arcaica do tecido ou trama na qual se superpõem várias camadas, mais ou menos aparentes, se não invisíveis de todo (Pesavento, 2004, p. 27).

Palimpsesto, palavra de origem grega, indica uma superfície (a de um pergaminho, por exemplo) da qual uma escrita foi apagada, para sobre ela fazer-se outra, e assim sucessivamente. É para acessar versões hoje invisíveis do palimpsesto urbano que produzo estas imagens. A proposta é trazer de volta à leitura escritas raspadas do palimpsesto, evidenciando com isso uma São Paulo que o discurso contra corpos dissidentes tem feito questão de apagar. Como lembram Patricia Carvallinhos e Maria Célia Lima-Hernandes (2020), a cidade é sempre um texto-objeto, na medida em que contém narrativas de identidade e memória. E o sentido de seu texto, como toda memória social, é objeto de disputa.

Martin Jayo (2022, 2023) defende que a memória de uma cidade, embora costume ser uma expressão usada de forma vaga e imprecisa, pode ser conceitualmente definida como o conjunto ou somatório das diferentes memórias coletivas mantidas vivas por meio da coleção de lugares de memória que se encontra instalada no espaço urbano. Esses lugares de memória (ou pontos de ancoragem de memória) podem ser edificações, monumentos e demais estruturas conservadas do passado. Essa coleção é por sua vez resultado de disputas, em que alguns grupos têm mais força que outros para impor os seus lugares, o que confere à memória da cidade um caráter conflitivo e silenciador. As queertografias que passo a expor mostram como memórias *queer* ou LGBTQIA+ têm, muitas vezes, perdido batalhas nessa disputa urbana de memória, tornando-se escritas apagadas do palimpsesto urbano.

Primeira queertografia: Mirando o silêncio

O túnel 9 de Julho, que liga os Jardins à Bela Vista, faz parte de um conjunto arquitetônico *art-déco* construído na década de 1930, que sempre incluiu um mirante de onde é possível avistar o centro da cidade. Esse espaço - Mirante 9 de Julho, ou simplesmente “Mira” como é chamado por alguns - esteve, até recentemente, convertido à gastronomia. Ali funcionou, entre 2014 e 2021, um *descolado* café-mirante. O empreendimento só não existe mais porque não sobreviveu à pandemia de covid 19.

O fato é que a criação dessa identidade mais recente envolveu um deliberado esforço de apagamento da memória do local como tradicional espaço de sociabilidade gay. Tenta-se apagar que

O mirante era um lugar de *pegação* no meio da cidade, no auge da repressão e policiamento de costumes impostos pela ditadura civil-militar de 1964-1985. Especialmente nos anos 1980, época da ação coordenada pelo delegado José Wilson Richetti, de prisão de homossexuais, travestis, prostitutas e demais pessoas que pudessem estar ligadas a identidades e sexualidades dissidentes (Meneses, 2019, n.p.).

Seja no *site* do café ali instalado, seja em peças publicitárias e *releases* à imprensa, investiu-se na versão de que o lugar, existente desde 1938, estivera sempre vazio e sem uso (Meneses, 2019). “O que era pra ser um mirante [...] acabou não sendo nada durante 76 anos. Um espaço que de tão privilegiado ficou vazio a vida inteira”, acabaram registrando os guias e roteiros turísticos da cidade². Essa lógica de silêncio e esvaziamento de memórias é a mesma para vários dos outros locais gays, lésbicos ou *queer* que veremos aqui: apagar a pecha “problemática” de um lugar, sua identidade ligada a dissidências que podem atrapalhar o lucro.



Figura 1. Mirante 9 de Julho em 1988, em *frame* do filme *Romance* dirigido por Sergio Bianchi, e na atualidade. Fotomontagem do autor.

² Trecho reproduzido de <https://www.guiadasemana.com.br/na-cidade/galeria/conheca-o-mirante-9-de-julho-em-sao-paulo> (acesso em 05/08/2022).

Segunda queertografia: Saunas, pra que te quero?

Outra eloquente tentativa de apagamento já havia se dado alguns anos antes. Para “limpar a fama” do endereço, uma incorporadora decidira que seu mais novo empreendimento residencial, embora localizado no tradicional número 269 da rua Bela Cintra, usaria outra numeração: 277. O intuito era descaracterizar o conhecido endereço daquela que foi, na década de 2000, a maior sauna gay do Brasil: a 269, empreendimento que carregava o número da rua em seu nome. O prédio em que funcionava a sauna foi demolido em 2011. O apagamento de um lugar que incomodava por produzir prazeres não heterossexuais, sob a ótica de Foucault (2015), se consolidou. Mas isso não bastou: os próprios responsáveis pelo empreendimento imobiliário ali construído admitiram, em entrevista naquele mesmo ano, que a troca da numeração do terreno era “uma escolha pensada” para evitar “confusão” que prejudicasse as vendas (Felitti, 2011).

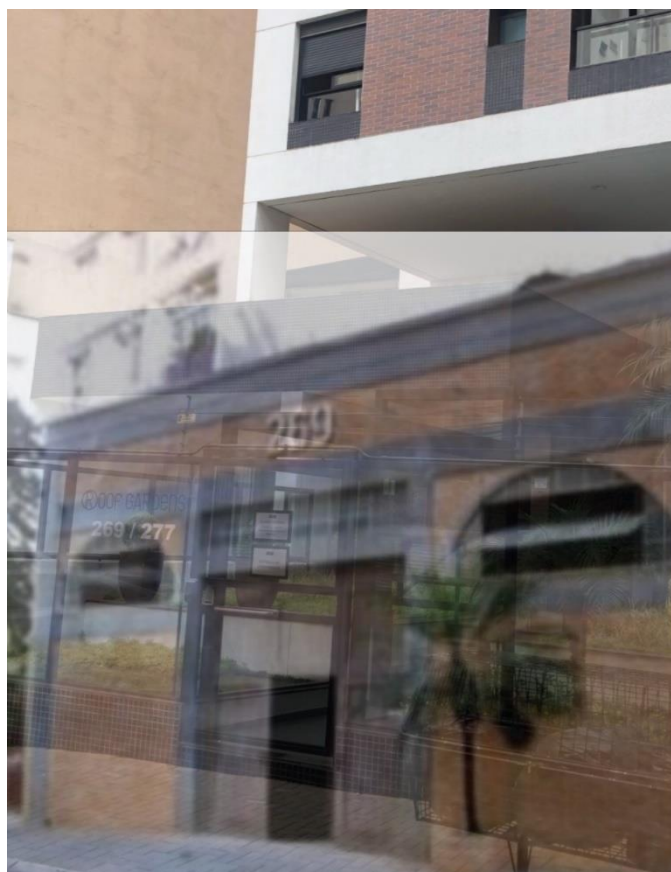


Figura 2. Fachadas da Sauna 269 e do edifício Roof Gardens, rua Bela Cintra 269/277 em imagens sobrepostas.
Fotomontagem do autor

Terceira queertografia: Nostro Quilo

Se as duas primeiras queertografias foram de lugares de sociabilidade gay, a terceira revive um local que se notabilizou por congregar uma maior pluralidade de identidades e condutas associadas ao universo *queer*. A boate Nostro Mondo funcionou por mais de quarenta anos, entre 1971 e 2014, no número 2554 da rua da Consolação, celebrizando-se, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980, como um dos mais movimentados endereços *underground* da cidade.

Até 1971 o endereço abrigava um “respeitável” bar de frequência heterossexual. Sua conversão em boate *underground* se relaciona à construção pela Prefeitura de um complexo de viadutos e túneis, hoje existente naquele lugar da cidade onde a rua da Consolação encontra outras importantes vias de trânsito, como as avenidas Paulista, Rebouças, Doutor Arnaldo e Angélica. A arquiteta Natasha Muszkat (2017) nos explica a dimensão das obras, que se estenderam até 1973, bem como as suas consequências sobre a qualidade urbanística da região:

Com o início das obras em 1971 [...], partindo de onde antes era um largo triangular onde a Avenida Paulista, Avenida Rebouças, Rua da Consolação e Avenida Doutor Arnaldo se encontravam, foi feita a desapropriação de duas quadras, além da desconfiguração do antigo largo e o rebaixamento da área, para que fosse construído o complexo de vias expressas. [...] A escavação das trincheiras gerou muito transtorno para o trânsito regional e para os serviços e comércios da área, havendo muitas críticas às obras do projeto [...]. A Avenida Angélica perdeu sua conexão com a Avenida Rebouças e foi interrompida pela escavação do "buraco". A Avenida Paulista, depois da Rua da Consolação sentido Pacaembu, foi descaracterizada [...] e a Avenida Doutor Arnaldo foi desviada, se conectando à Avenida Rebouças através de uma alça viária, o Viaduto Ohuhara Koei. Essa encruzilhada gerou uma série de taludes, aterros, baixios de viadutos, coberturas de túneis e espaços resultantes do entroncamento de vias” (Muszkat, 2017, p. 29-34).

Cercado por esses novos espaços, localiza-se um quarteirão que ficou conhecido como “ilha da Paulista”, por ter ficado isolado da malha urbana, dificultando seu acesso a pé. Verdadeira sobra das obras, tornou-se inadequado para o antigo bar, o que explica ter-se tornado atraente para Condessa Mônica (1942-1989), futura empresária que, ainda durante as obras, viu a oportunidade de adquirir aquele desvalorizado ponto comercial e convertê-lo em casa noturna inicialmente destinada à comunidade “entendida” (gay) da época. Inicialmente chamada Top Room, a boate foi pouco depois rebatizada como Nosso Mundo, e finalmente Nostro Mondo.

As mudanças, na verdade, não foram só de nome. Rapidamente a nova casa se tornou ponto de encontro não só de “entendidos”, mas de uma diversidade maior de identidades e comportamentos

- gays, lésbicas, transformistas, travestis - e território de afirmação e experimentação de condutas e vivências *queer*. Tal diversidade também envolveu outros marcadores: a boate se notabilizou por atrair um público de menor poder aquisitivo, comparativamente a outras casas noturnas LGBTQIA+ que foram surgindo pela cidade.

Do palco da Nostro despontaram diversas artistas *queer* consideradas relevantes no cenário paulistano e mesmo nacional, entre elas Marcela do Nascimento, Miss Biá, Gretta Star e Leonora Águila. Junto com a identidade da casa, transicionou também a da própria fundadora, que abandonou a identidade de gênero masculina e sua antiga profissão de oficial de justiça. “Saí do inferno para ir ao céu”, como ela própria sintetizou em entrevista ao documentário suíço-brasileiro *Dores de Amor* (1988), dirigido por Pierre-Alain Meier e Matthias Kälin.

Condessa Mônica faleceu em 1989, e a Nostro sobreviveu a ela muitos anos, fechando as portas em 2014. Hoje funciona no seu prédio um restaurante, que serve almoço por quilo aos funcionários dos escritórios dos arredores que se animam a atravessar a pé as vias expressas e viadutos que ainda teimam em separá-lo da cidade.

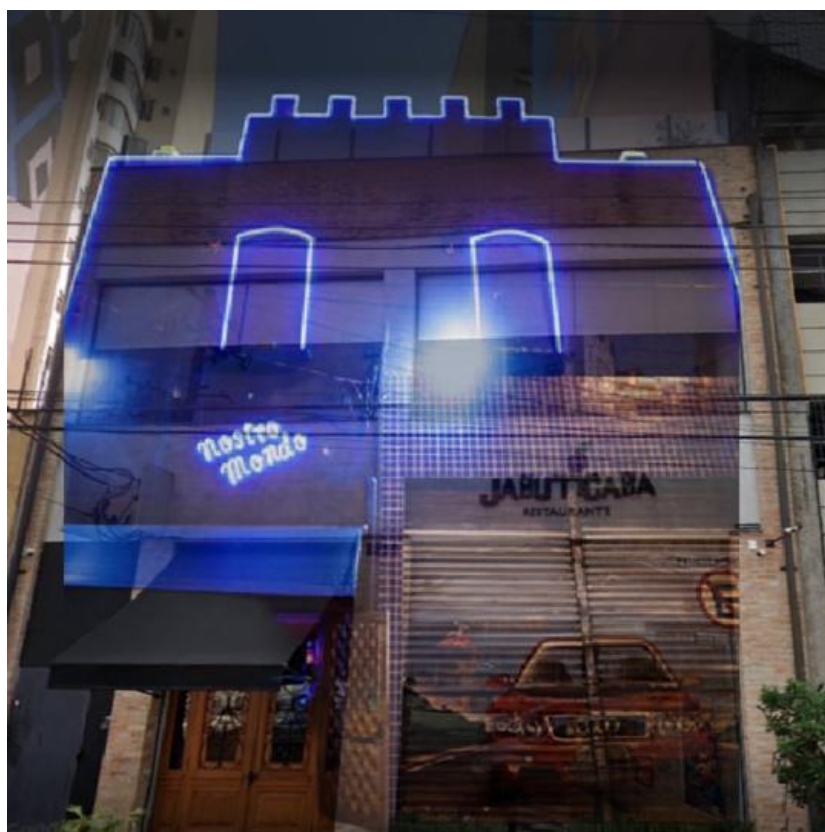


Figura 3. Boate Nostro Mondo e Restaurante Jabuticaba. Imagens sobrepostas. Fotomontagem do autor

Quarta queertografia: O poético Bar du Bocage

Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), importante poeta português, chocou a sociedade do século XVIII com seus sonetos “de todas as putas”, “da cópula esculpida”, “do caralho potente”, e tantos outros. Já o Bar du Bocage era um tradicional botequim paulistano na Alameda Itu, esquina da Rua da Consolação. Não era um bar exclusivamente “GLS”, denominação usada na época, mas foi adotado por uma comunidade que se aglomerava em sua calçada em atitude claramente *queer*, e de forma bastante bocagiana, contrariando os pudores heteronormativos dos passantes.

Era dali que alguns partiam para os clubes como o Massivo, que também fez fama na década de 90 e ficava no número 1548 da mesma rua, ou para o clube SoGo, na rua Bela Cintra esquina com Alameda Franca.

Hoje, ergue-se nesta esquina um edifício residencial de alto padrão, cujo nome evoca pretensões de distinção social e nobreza: “Condomínio Elizabeth by Helbor”. Aqui há um esforço duplo: apagar da memória do local a presença libertária das *bees*, *barbies*, *gays* e *sapas* e também a poesia inconveniente de Bocage.



Figura 4. Bar du Bocage na década de 1990 com seu público na calçada e edifício Elizabeth by Helbor. Imagens sobrepostas. Fotomontagem do autor.

Quinta queertografia: O quadrilátero enquadrado

A boate Malícia foi inaugurada em 1986, na rua da Consolação 3032, no bairro dos Jardins. Seu endereço é o mesmo em que mais tarde funcionariam o Galpão Papparazzi e o clube Latino, no centro do que viria a ser conhecido nos anos 1990 e começo dos 2000 como o “quadrilátero gay” de São Paulo, onde, segundo reportagem de jornal da época (Menezes, 2001, p. C-10), “bares, discotecas e lojas atraem dia e noite homossexuais para a região”. A vocação parecia natural em um bairro em que, segundo a mesma reportagem “o movimento gay [...] segundo frequentadores mais antigos, remonta, porém, aos anos 60”. A mesma reportagem nos mostra que o desejo de combater tal identidade também é antigo:

De ‘quarteirão gay’ virou ‘quarteirão da bagunça’, critica a presidente da Associação dos Moradores do bairro, Célia Marcondes, que está recolhendo assinaturas pedindo o fechamento dos estabelecimentos. ‘O problema não é ser gay, mas tem uns que tiram a roupa, ficam desfilando em peças íntimas’, diz Célia, que afirma ter mais de 400 assinaturas (Menezes, 2001, p. C-10).

Curioso observar como esses discursos tendiam a homogeneizar, tratando como “gay” um público de frequentadores de clubes que, na verdade, abrangia uma pluralidade maior de identidades e orientações. De qualquer forma, se os corpos tivessem se comportado de acordo com a régua heteronormativa, não teriam incomodado tanto. Não há como precisar se as assinaturas de dona Célia tiveram algum tipo de efeito, mas o “quarteirão da bagunça” de fato deixou de existir. Hoje não há ali vestígios do que foi a vida noturna *clubber* local, e as heteronormas se cumprem sem necessidade de abaixo-assinados. O prédio da boate Malícia está desocupado, mas a associação de moradores pode respirar aliviada: o abjeto, o estranho, o diferente, dificilmente serão os próximos inquilinos.



Figura 5. Prédio da antiga boate LGBTQIA+ Malícia, desocupado na atualidade. Imagens sobrepostas. Fotomontagem do autor.

Sexta queergrafia: O Ferro's das mina

Ativo dos anos 1960 até fins dos 90, o Ferro's Bar foi um importante ponto de encontro de lésbicas da cidade de São Paulo. Localizado no viaduto Martinho Prado, centro da cidade, funcionava como pizzaria durante o dia e à noite foi se tornando relevante palco de mudanças na presença da mulher no espaço público. Foi no Ferro's que ocorreu a primeira manifestação política organizada de lésbicas no Brasil, como conta Fernandes (2018). O local serviu também como ponto de encontro do Grupo de Ação Lésbico Feminista (GALF), responsável pela publicação do ChanacomChana, jornal do movimento lésbico. Em 1983, foi cenário do que viria a ser chamado de Stonewall brasileiro, o levante do movimento lésbico brasileiro que contou com o apoio de grupos gays, feministas e figuras políticas que lutavam contra a discriminação. Tal fato é narrado por Marisa Fernandes de maneira que

entendamos a importância das interseccionalidades na luta feminista e em especial na luta contra a homolebitransfobia da sociedade cisheteropatriarcal. Diz ela sobre o ocorrido no Ferro's,

Na noite de 23 de julho de 1983, integrantes do GALF vendiam o *ChanacomChana* e foram proibidas pelo dono do *Ferro's* de entrarem naquele lugar e vender seu Boletim. Diante deste autoritarismo, Rosely (Roth) promoveu um ato político que foi articulado com lésbicas, gays, feministas, defensores de direitos humanos, políticos e com a grande imprensa, para que na noite de 19 de agosto o *Ferro's* fosse ocupado. A invasão causou grande tumulto com cobertura da mídia e presença da polícia e o dono do *Ferro's* voltou atrás da sua decisão. Esta vitória é um marco fundamental na história do movimento de lésbicas brasileiro. Em homenagem a Rosely, a partir do ano de 2003, na data de 19 de agosto, celebra-se em São Paulo o Dia do Orgulho Lésbico (Fernandes, 2018, p. 100).

Dáí a importância de raspar as camadas de argamassa do heteropatriarcado sobre a lembrança do bar. Enquanto essa memória sobre o espaço luta para se manter, o extinto *Ferro's*, hoje sem seu letreiro luminoso e sem a frequência das lésbicas ou de qualquer outro público, é usado apenas como vestiário para garçons e funcionários de outros bares e restaurantes da região.



Figura 6. Local do antigo Ferro's Bar, na década de 80 e na atualidade usado como vestiário com garçom fumando no período de descanso. Imagens sobrepostas. Fotomontagem do autor.

Sétima queertografia: um caso rodrigueano

SoGo, nome formado pelas sílabas iniciais de Sodoma e Gomorra, era uma casa noturna que fazia parte do já mencionado quadrilátero dos Jardins. Naquele território, além dela, surgiram outras boates e clubes: Ultralounge, Allegro, Massivo, Latino, Director's Gourmet, entre outros.

Localizada na Alameda Franca, 1358, a SoGo funcionou entre 2000 e 2010, de quinta a domingo, com uma clientela quase exclusiva de homens. A cultura clubber dos anos 1990 já decaía, e a frequência se tornava mais “gay padrão”, menos *queer*. As duas amplas pistas e o *lounge* na “glamurosa casa GLS” esvaziavam-se rapidamente quando o *dark room*, no último andar da casa, abria.

A casa é famosa também pelo fato de, em junho de 2000, em meio aos festejos do à época chamado “orgulho gay”, hoje orgulho LGBTQIA+, ter sofrido uma violenta *blitz* policial. De acordo com Erika Palomino, jornalista que teve uma importante inserção na cena clubber nos anos 1990 e 2000 em São Paulo, “um grupo de policiais chegou por volta de 1h30 (na madrugada para sexta) e pediu para acender a luz do bar de cima, em busca de drogas e flagrantes de prostituição. Não acharam nenhum dos dois” (Palomino, 2000, s/p).

Já antecipando outras tantas investidas violentas contra a diversão e a vida LGBTQIA+ na cidade, no desejo de “vigiar e punir” aqueles que se recusavam aos ditames das heteronormas, o fato é que “a visita à casa noturna foi feita, devido a uma denúncia de que a casa seria ‘um antro de perdição e drogas’, com ‘atividades libidinosas tipificadas por casos de prostituição e prática homossexual’”. Era o ovo da serpente sendo chocado: o embrião do discurso anti-LGBTIA+ que temos visto cada vez mais institucionalmente chancelado.

Depois do ocorrido, houve certo engajamento da comunidade LGBTQIA+ na internet, exigindo respeito aos frequentadores dos clubes na cidade. A casa permaneceu em funcionamento por mais alguns anos, fechando em 2010.

O prédio onde estava situada a SoGo virou uma luxuosa loja especializada em vestidos de noiva - potente símbolo da heteronorma. O final da SoGo remete a Vestido de Noiva, obra teatral escrita em 1943 por Nelson Rodrigues, marco na dramaturgia nacional, em que a protagonista teve exatamente o mesmo final: “depois de morta foi vestida de noiva!” (Rodrigues, [1943] 1981, p. 114).



Figura 6. Entrada da boate SoGo na década de 2000, hoje uma loja de vestidos de noiva. Imagens sobrepostas. Fotomontagem do autor

Finalizo dizendo que a pretensão aqui foi fazer um convite para desviar o olhar. O desvio consiste em desfocar o olhar higienizador, colonizador sobre as subjetividades dissidentes – por vezes gays ou lésbicas, aderentes ao sistema de identidades binário, outras vezes mais transgressoras, compatíveis com a definição de *queer* –, que predomina em uma sociedade que tenta nos apagar enquanto dissidentes e vestir-nos a partir de uma régua de vivências cisheteronormativa. Continuamente expostos a esses discursos, que nos violentam e marginalizam, acabamos por naturalizá-los. Ainda que por vezes não percebamos, vivemos em cidades que têm suas paisagens por eles moldadas. Mas, sob as camadas de ocultação e silenciamento, ainda podemos encontrar nossas múltiplas identidades, enxergando as marcas daquelas pessoas que nos antecederam. Para isso serve a queertografia.

E, contra os conservadores, lembremos de Néstor Perlongher (1949-1992). No final da década de 1980, da plateia de uma montagem teatral de Franz Kafka dirigida por Gerald Thomas, o antropólogo, poeta e ativista gay respondeu em seu irretocável portunhol a provocações dos

conservadores de plantão: “Que fiquem com sus inseticidas higienistas que yo fico com las cucarachas”. O episódio é relatado por Richard Miskolci e Larissa Pelúcio no prefácio à edição de 2008 do clássico livro de Perlongher, “O negócio do michê”, originalmente escrito em 1986 como dissertação de mestrado.

Sejamos resistentes como as *cucarachas* de Perlongher, e como elas continuemos a criar mais e mais espaços de sociabilidade e afirmação de vidas e identidades dissidentes.

Referências

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus; LIMA-HERNANDES, Maria Celia. Conservare ut meminisce: os limites do politicamente correto nas ruas de São Paulo. In: BERLINCK, Rosane de Andrade; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto (org.). História do Português Paulista: Estudos - 6. Série Trilhas Linguísticas. Cultura Acadêmica Editora, 2020.

FELITTI, Chico. O pecado mora ao lado. Folha de S.Paulo, São Paulo, suplemento sãopaulo, 21 ago. 2011, p. 24.

FERNANDES, Marisa. Ações Lésbicas. In: Green, James N.; Quinalha, Renan; Caetano, Marcio; Fernandes, Marisa (Orgs.), História do movimento LGBT no Brasil. São Paulo: Alameda, 2018, p. 91-120.

FOUCAULT, Michel. O saber gay. Revista Ecopolítica, n. 11, jan-abr. 2015, p. 2-27.

JAYO, Martin. Cinco reflexões sobre memória e cidade. Tese (livre-docência em Artes, Ciências e Humanidades). Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

JAYO, Martin. Memória da cidade, de buzzword a conceito em mutação. Paranoá, Brasília, vol. 15, n. 33, 2022, jul-dez. 2022, p. 1-16.

HALBERSTAM, J. Jack. In a queer time and space: transgender bodies, subcultural lives. Nova Iorque: New York University Press, 2005.

HOCQENGHEM, Guy. A contestação homossexual. São Paulo: Brasiliense, 1980.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: Magnani, José Guilherme C.; Torres, Lilian de Lucca (Orgs.) Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: EDUSP, 1996.

MARÍN-VADEL, Ricardo; RÓLDAN, Joaquín. Metodologías artísticas de investigación en educación. Málaga, Espanha: Ediciones Aljibe, 2012.

MENESES, Emerson Silva. A memória LGBTQ apagada: Mirante 9 de Julho, São Paulo. Minha Cidade, São Paulo, ano 20, n. 233, dez. 2019. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/20.233/7570>>. Acesso em: 06 dez. 2020.

MENEZES, Cynara. Bairros de São Paulo atraem vizinhança homossexual. Folha de S. Paulo, São Paulo, 27 mai. 2001, p. C-10.

MUSZKAT, Natasha. O [im]previsível [da] Paulista. Trabalho Final de Graduação (Arquitetura e Urbanismo). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.calameo.com/books/00736719783658f28029e>>. Acesso em: 19.04.2024.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; CHARREU, Leonardo Augusto. Contribuições da perspectiva metodológica 'investigação baseada nas artes' e da a/r/tografia para as pesquisas em Educação. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 32, n. 1, janeiro-março 2016, p. 365-382.

PALOMINO, Erika. Junho é o mês do orgulho gay e do orgulho clubber. Folha de S. Paulo. São Paulo, 09 de junho de 2000, NOITE ILUSTRADA. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0906200035.htm> Acesso em: 1 agosto de 2022.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. Esboços: revista do Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Vol. 11, n. 11, 2004, p. 25-30.

PERLONGHER, Néstor. O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987 [2008].

RODRIGUES, Nelson. Teatro Completo I: peças psicológicas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

WEBER, Sandra. Visual Images in Research. In: J. Gary Knowles, Ardra L. Cole (Orgs.) Handbook of the arts in qualitative research: Perspectives, methodologies, examples, and issues. UK: Sage Publications, Inc, 2008.

WISNIK, Guilherme. Temporalidade invasiva. In: ZOCCHIO, Marcelo. Repaisagem São Paulo. São Paulo: Ipsis Gráfica e Editora, 2021, s/p.

ZOCCHIO, Marcelo. Repaisagem São Paulo. São Paulo: Ipsis Gráfica e Editora, 2021.